



MEMÓRIAS NEGRAS: UMA HISTÓRIA ETNOGRÁFICA DA COMUNIDADE DE MONTE ALEGRE*

Fladney Francisco da Silva Freire**

Introdução

O presente trabalho apresenta resultados do projeto “Memórias Negras”, que vem sendo realizado sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). O objetivo geral do trabalho é o de realizar um mapeamento e posterior análise de múltiplas práticas culturais e religiosas comuns na comunidade quilombola de Monte Alegre, no município de São Luís Gonzaga – MA. Nesse mapeamento, tem sido possível observar a predominância do hibridismo e muitas tensões, a exemplo daquelas de caráter geracional, em torno das expressões da cultura e das relações sociais. Além disso, tem sido possível notar que existe uma memória coletivamente partilhada pelos que vivem na comunidade que dá particular atenção para os conflitos e tensões em torno da terra, que marcariam a história da localidade. A metodologia adotada para a realização desta pesquisa tem se baseado na perspectiva da história social e da etnografia, com as ferramentas da história oral.

Comunidade marcada por intensos conflitos de terra, sobretudo no final da década de 1970 e início dos anos 1980, em Monte Alegre algumas práticas culturais são consideradas tradicionais por seus moradores mais antigos, como o tambor de crioula, a mangaba, a festa do divino, as quadrilhas e o bumba-meu-boi. No campo religioso são comuns terecô, catolicismo popular e cultos evangélicos – um território conflituoso. Atualmente, as culturas juvenis buscam se afastar de práticas consideradas tradicionais, particularmente aquelas identificadas como tradições afro-brasileiras.

Monte Alegre: conflitos de terra

* Este texto apresenta os primeiros resultados do Projeto Memórias Negras (FAPEMA), pesquisa que vem sendo realizada sob orientação do prof. Dr. Antonio Evaldo Almeida Barros.

** Graduando em Ciências Humanas, Campus de Bacabal, Universidade Federal do Maranhão. Bolsista FAPEMA, Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão “Movimentos, Identidades e África” (UFMA/UEMA/IFMA).

A comunidade quilombola Monte Alegre está localizada na cidade de São Luis Gonzaga do Maranhão, região do vale do Mearim. Entre os anos de 1970 a 1980 a comunidade enfrentou intensos conflitos de terra, com ameaças de desapropriação da área para a realização da pecuária.

A história da comunidade quilombola de Monte Alegre está vinculada a sua cultura, interligada aos meios sociais exteriores e da sua realidade pela luta da terra. Sobre isso Gomes afirma que “[...] os quilombos no Brasil devem ganhar outros contornos, em vez de se considerar [...] como comunidades isoladas da cultura da sociedade envolvente, seus significados devem ser associados também a formas de protesto e ocupação pela terra” (GOMES, 2007: 164).

Para compreender tais relações sócias, a história oral tem sido uma importante ferramenta usada para reconstituir memórias partilhadas e também aquelas *não ditas*, que tem sido transmitidas sobre tudo por meio da linguagem. Destarte, “a utilização desse tipo de documento tem sido muito atribuída à falta de registros sobre os desfavorecidos e, portanto, a uma tentativa de reconstrução de ‘uma história vinda de baixo’” (SALVATICI, 2005 *apud* BARBOSA, 2012, p. 1).

Nesse contexto se inserem os moradores de Monte Alegre, que através da linguagem repassam suas memórias acerca de práticas culturais e sociais às outras gerações. Nesse sentido, cabe ressaltar que “[...] a documentação oral vem sendo largamente utilizada para possibilitar estudos com temáticas contemporâneas ou aproximar-se de grupos ou movimentos sociais” (FENELON, 1993, p. 78 *apud* BARBOSA, 2012, p. 1).

Segundo os moradores da comunidade ,os conflitos pela terra e pelo livre acesso aos babaçuais se acentuaram através de uma liminar que autorizava a desapropriação das terras dando ganho de causa a donos de fazendas. Tal desapropriação foi consolidada com a expulsão dos trabalhadores de suas casas, ateando-se fogo em cerca de 93 casas. Interessante que o único local que não foi destruído com as chamas do fogo foi a igreja católica da comunidade, devido a aclamação dos moradores e ao medo do fazendeiro por parte de castigos divinos do padroeiro de Monte Alegre – São Benedito.

Durante esse período alguns moradores ficaram alojados na igreja e os demais ficaram dormindo ao relento. Esse acontecimento ficou gravado na memória dos

moradores como o *período do fogo*, que traz toda uma simbologia para todos os moradores. E mesmo os que não participaram diretamente desse momento trazem consigo essa memória herdada. A esses acontecimentos herdados Pollak (1992) intitula de acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, momentos em que os moradores que não participaram diretamente dos conflitos de terra, mas “se sente pertencer” a esse período.

A moradora Lindalva Lucindo Parga retrata um pouco do sofrimento no *período do fogo*:

Quando eu nasci a igreja já existia, na época do conflito quando foram queimadas as casas somente a igreja não foi queimada, lutamos e resistimos para conseguir vencer. No pátio aqui em frente de casa, antes era um campo de futebol e as pessoas ficavam todas jogadas. No dia do conflito tinham mulheres grávidas, mulheres de resguardo, as coisas das casas ficavam pegando sol e chuva no pátio... foi um sofrimento.

Mesmo quando o período do conflito não conspirava a favor dos moradores de Monte Alegre, eles criavam estratégias de resistência e trabalhavam coletivamente para permanecer na comunidade, mostrando que “[...] elas [ou eles] não eram sujeitos passivos da história” (THOMPSON, 1992, p. 346). Os trabalhadores receberam apoio de Haroldo Sabóia, Conceição Andrade – ambos eram políticos locais, sendo que o primeiro era ligado ao PT, e do Frei José. Depois de ter desapropriado a terra dos moradores, em 1985 o INCRA volta a comunidade de Monte Alegre com a suposta ideia de transformar aquela região em área de assentamento¹. E em 2005, depois de tantas lutas e reivindicações, os moradores então receberam da Fundação Cultural Palmares uma certidão que reconhecia Monte Alegre como terra remanescente de quilombo. Esse certificado só foi emitido porque a comunidade está inserida nas chamadas terras tradicionalmente ocupadas e possuem amparo jurídico através do artigo 68 da Constituição Federal.

Memórias negras: o pós-conflito em Monte Alegre

¹ Os moradores não aceitaram que a comunidade fosse transformada em área de assentamento. Eles lutaram para serem reconhecidos como área quilombola.

As práticas culturais pós-conflitos em Monte Alegre são a partir de agora analisadas antropologicamente através da etnografia construindo um elo com a memória de seus habitantes.

“A antropologia cultural, como o próprio nome indica, estuda as manifestações culturais do homem” (Junior, et al. 2011, p.19). Todas as práticas culturais e religiosas em Monte Alegre possuem seus espaços de memória coletiva como o *período do fogo*, danças tradicionais, a dinâmica das relações do grupo, por exemplo. Todo espaço onde se perpassa a tradição de um grupo na teia de suas relações sociais se constrói a memória coletiva transformando os respectivos espaços em locais de memória (NORA, 1981).

Segundo Pollak (1992) “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio cronológico” (POLLAK, 1992, p.2-3). Os espaços de vivência recebem marcas, lembranças e memória dos moradores, como os terreiros de terecô, a Igreja católica e evangélica, etc. Atualmente as tensões que marcam tais práticas ficam registradas nos espaços de memória. “Os lugares recebem a marca do grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p.291).

Todas as práticas culturais e manifestações, mesmo as que se encontram em fase de mudança, em conflito ou em tensões possuem sua história, formada pela memória dos indivíduos que a compõem. “[...] as lembranças dos indivíduos são, sempre, construídas a partir de sua relação em pertença a um grupo” (SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 291).

O Terecô

O terecô faz parte da história da comunidade, dança herdada pelos negros escravos da região e que sempre fez parte da história de Monte Alegre. Atualmente tal prática é vista com um olhar inclinado pelos moradores que reprovam a sua execução na comunidade. Os moradores que praticam são estigmatizados, não recebem apoio da família e em alguns casos são alvos de perseguição por parte de outros moradores.

O primeiro terreiro tem como o pai de Santo Romão Costa não possui filhos de santo². Seu terreiro está sem funcionar por dois motivos, quais sejam, o primeiro devido o falecimento da esposa que o ajudava dando apoio na realização da festa, e o segundo motivo também está ligado a problemas familiares em os cinco filhos de seu Romão não aceitam que tal pratica seja realizada na comunidade. Segundo seu Romão ele esta tentando reconstruir o salão mesmo sem o apoio da família, e disse também que já foi perseguido por alguns moradores que o criticavam por fazer reza e cura na comunidade: “esse ano eu vou fazer a festa, já empeleitei com o homem para fazer o terreiro, vou fazer de qualquer forma e se não me ajudarem eu faço mesmo assim, já recebi preconceito por trabalhar e fazer tratamento, sempre muitas pessoas vinham em cima criticando.”

O segundo terreiro tinha como pai de Santo o senhor Domingos, conhecido popularmente como Mão de Ferro que veio a faleceu com problemas mentais. O terreiro encontra-se desativado, pois o senhor Mão de Ferro não tinha filhos de santo e a esposa, Maria do Socorro, não participava diretamente das obrigações do terreiro. Dona Maria do Socorro tem um filho que conseguiu criar com a ajuda do senhor Mão de Ferro, mas o enteado não pretende continuar com a festa do terreiro.

O terceiro terreiro tem como chefe o senhor Luis Silva, conhecido como Mitó. O terreiro está sem funcionar devido as paredes estarem se desmanchando, o salão é feito de barro e palha e o senhor Mitó não possui recurso para a manutenção. Seu terreiro é composto por oito filhos de santo e há 40 anos ele está na frente do terreiro. Seu Mitó revelou ter passado por constrangimento, pois quiseram o tirar da comunidade e que conseguiu se firmar em Monte Alegre depois que se filiou na Federação Umbandista: “Sofri preconceito porque tenho salão e quiseram me tirar do terreiro dizendo que eu não tinha nada, quiseram tirar do meu trabalho, e então tive que pegar uma carteia de Umbandista pra não mexerem mais comigo. Hoje em dia está mais fácil para trabalhar, porque agora tem fiscal de umbanda e ele protege as pessoas que brincam.”

O quarto terreiro tem sua história bem mais tensa e conflituosa que os três citados anteriormente. Esse terreiro foi derrubado devido a conflitos entre os moradores da comunidade que não aceitavam seu funcionamento. Interessante que o terreiro não possuía Pai de Santo, nem tão pouco filho de Santo, ele foi construído através de promessa, onde o

² Pessoas iniciadas no Terecô que acompanham o Pai de Santo.



senhor Martins Santos Silva, conhecido como seu dos Santos depois que alcançou a graça da cura da esposa passou a realizar a festa na comunidade. Ele é bastante temido por seus poderes ligados diretamente a uma pedreira dita por moradores e confirmada pelo mesmo como sagrada, onde acontece anualmente reza e procissão que sai da pedreira e termina no terreiro. Ele não possui entidades mais para se realizar a festa é preciso estabelecer ligação com as entidades que governam a pedreira, onde *eles* dizem como deve ser feita e como se deve conduzir as praticas no salão.

As religiões de Matriz Africana em todos os contextos e lugares no Brasil são alvos de inferiorização, ligadas diretamente a discursos etnocêntricos de demonização e desvalorização de suas praticas. Em Monte Alegre não é diferente dessa realidade. A moradora Maria Cecília, quebradeira de coco, sempre presencia atos de preconceito com as pessoas que brincão terecô na comunidade. Ela diz: “os evangélicos e os outros dizem que o terecô é coisa do diabo, eles falam para os que brincam, os outros [moradores não evangélicos] vão olhar e ficam mangando das pessoas que dançam terecô.”

Segundo a jovem Cleidiane, moradora da comunidade e militante da Assema, sócia do sindicato da comunidade e da associação dos moradores de Monte Alegre, as pessoas que brincam terecô se distanciam dos demais moradores, se fecham nas suas próprias casas, criam um reduto e se afastam devido ao preconceito. E mais,

Os terecozeiros eles se distanciam das outras pessoas, cria uma igreja na casa e só sai de casa quando tem uma missa ou quando tem o festejo, quando uma menina brinca terecô ela não arranja namorado fácil, por que aquilo acaba envolvendo na vida pessoal dela os meninos tem muito preconceito e eles não querem namorar com pessoas que brincam terecô, isso também acontece com as meninas elas também não aceitam e isso é uma forma negativa. Os jovens da comunidade não aceitam criticam, muito chamam de macumbeiro, tem muitos jovens na comunidade que não dançam não e porque não querem e sim porque são muito discriminados pelos amigos, família e por outras pessoas de outras religiões, os evangélicos são assim se você é dançador de terecô, eles a não querem nem que você ande na casa deles, você é visto como um assassino.

A moradora Beatriz Lima, quebradeira de coco, relatou sentir um receio pelo fim do terecô na comunidade, afirmando que as festas estão reduzidas na comunidade devido ao preconceito e problemas familiares que não dão continuação da festa, e diz que

O primeiro terreiro da comunidade foi de seu Lorianio ele já morreu e depois disso o salão acabou assim como o do mão de ferro. Tenho uma preocupação, não quero que as pessoas abandonem os terreiros, eles são de tradição a dança começou aqui com os negros escravos. O terecô vai deixar de existir se continuar como vai, as festas eram mais frequentes e agora não são mais, muitos terreiros se acabaram devido a morte do pai de Santo porque as famílias não aceitam e não querem continuar.

Igreja Evangélica

Após os conflitos de terra que aconteceram na metade do século XX, a igreja evangélica Assembléia de Deus se instalou na comunidade Monte Alegre. Seu Enéias, um dos primeiros dirigentes da igreja e Antonia Domes – ambos ligados diretamente a Igreja evangélica, relataram a luta para se conseguir a implantação da desta na comunidade. Ele diz que “quando a igreja evangélica foi se instalar na comunidade os moradores quisera ir à justiça, eles não queriam na comunidade pensando que iam ser obrigados a mudar de religião, fizemos um acordo onde cada um seria livre para seguir o que quisesse, ai eles aceitaram mesmo contra a vontade.”

Ainda segundo seu Enéias e dona Antonia, os evangélicos assumem e levam a serio a palavra de Deus, em detrimento das religiões e danças da comunidade, afirmando que “o que é dito ou feito não é preconceito”, somente falam a verdade de Deus, e que se os atuais moradores passarem a seguir a palavra de Deus eles não perderiam a identidade e nem a sua herança cultural. “Nós só falamos o que está escrito na Bíblia a verdade, não temos preconceito, as danças do mundo não são de Deus, se todo mudasse o que está ai a verdade parecia”.

Tomando por base o discurso de dona Antonia e de seu Enéias, é perceptível que essa ideologia meandra vários segmentos da comunidade, influenciando os discursos dos demais moradores. Assim, “o [...] etnocentrismo significa a supervalorização da própria cultura em detrimento das demais. O desrespeito e a consequente destruição de tais expressões certamente implicarão, também, na destruição ou degeneração de parte essencial da própria identidade humana (Junior, et al. 2011, p. 60-61).

Igreja de São Benedito

A igreja de São Benedito foi criada antes do período do conflito em Monte Alegre e passou a ser um marco de luta pelo acesso a terra. No período em que os moradores foram expulsos de suas casas o único local onde poderiam se alojar era dentro da igreja, e isso porque os moradores aclamaram em favor da igreja para que ela não fosse queimada. O discurso utilizado por parte dos moradores era que a igreja era um local sagrado e por medo de castigo divino por parte de São Benedito o fazendeiro que almejava a desapropriação da comunidade decidiu não queimar a igreja, após o período do fogo a igreja passou a configurar como marco de união e luta entre os moradores.

Contraditoriamente, hoje a igreja de São Benedito passa a ser palco de diversos conflitos dentre eles o de negação da herança histórica por parte dos jovens da comunidade, ou seja, os moradores de Monte Alegre passam a negar sua identidade étnica, onde a imagem de sagrada e histórica do passado e memória não é levada a sério pelos jovens que pouco frequentam as missas e não buscam dar continuidade a herança de luta. Etnia segundo Silva e Silva (2006) seria a reunião de sujeitos baseado em laços culturais.

O que acontece em Monte Alegre é a negação da própria identidade, e criação de outras identidades. É comum os jovens negarem seu local de origem, até mesmo sua etnicidade. Segundo a moradora de Monte Alegre, a jovem Clediane, relata que,

Quando alguns jovens da comunidade quando vão para a cidade se alguém pergunta de onde eles são eles metem, dizem que são da cidade e dão endereço de algum parente que mora na cidade é raro ter um que se assuma e diga de onde é que mora em uma comunidade quilombola, que trabalha como lavrador. A maioria das jovens da comunidade não fala que moram em Monte Alegre, elas dizem que são de Lima Campos e também não dizem que quebram coco, elas ficam com vergonha da vida que tem. As pessoas que se assumem, são aquelas que estudaram que tem a mente mais aberta e em qualquer lugar que chegam se apresentam normalmente se assumem, mas têm muitos da comunidade que passaram pelo Pronera terminaram o ensino médio e mesmo assim tem dificuldade de se assumir, quando a pessoa se assume todos se interessam para saber da história da comunidade e quando sabem da questão da terra eles vêm e passam a admirar por isso.

Atualmente a igreja anda tendo poucos frequentadores chegando a ter em uma missa quatro moradores. Segundo frei Hermano isso se deve a influência das religiões de Matriz Africana em Monte Alegre, chegando a afirmar que

Os moradores da comunidade não vivenciam o cristianismo de fato e isso qual quer um pode perceber, os moradores pouco se importam chegando a comparecer quatro pessoas em uma missa, mas isso se deve as influências das danças da comunidade, a comunidade é quilombola e muitos praticam a macumba, mesmo com o culto das imagens da igreja não diminuir a barreira, a catequese quase não funciona e quando funciona não cumpre todas as etapas devido o desinteresse dos moradores.

Muita coisa mudou na comunidade, segundo a moradora Maria de Jesus Bringelo, conhecida como Dijé, é líder-fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), ocupa um lugar importante nas decisões coletivas do povoado. Segundo ela esses problemas se devem a influência das mídias televisivas e da tecnologia que ataca em massa os moradores de Monte Alegre e desperta a vontade de conhecer o *outro*, ela diz:

Tenho uma preocupação muito grande, pois tem uma diferença da minha época para a de hoje. No meu tempo não tinha muita opção, mas os moradores sabiam fazer as coisas, não tinha culto todo dia, rezávamos a quaresma toda e no festejo de São Benedito, Festejo de São Raimundo e no Festejo de nossa senhora de Fátima, sempre dava muita gente os moradores davam graças a Deus quando tinha novena, porque todo mundo ia para a igreja. Hoje é diferente, no tempo de que eu era nova não tinha tanta atração como tem hoje, o tempo de hoje tem muitas coisas para oferecer para juventude do que no meu tempo, antes não tinha, a televisão para mostra um mundo fora se no meu tempo tivesse televisão aconteceria o mesmo que acontece com a juventude hoje, por que a mídia tanto trás benefício como trás malefício, não é que é ruim ter a televisão, mas que a mídia tem dois lados, ela te vicia, as moradoras sempre preferem assistir televisão de que i para o culto rezar, quando estão na igreja dizem que tem que ir para casa cedo porque não podem perder a novela.

A igreja da comunidade é palco de desrespeito por parte de alguns moradores. Seu dos Santos, através de sua memória, relatou um acontecimentos na comunidade, em que frei Hermano foi desrespeitado por um morador, conhecido como Lorianio que chegou a ser excomungado pelo frei. Ele diz que “aqui acontece coisas que não eram pra acontecer, o Lorianio que tem um bar perto da igreja, no dia da missa na hora da celebração ele estava com o som ligado bem alto, ficou atrapalhando a missa, ai o padre foi lá

reclamar, pediu pra ele baixar o som, o Lorianio disse pra Frei que estava dentro da casa dele e não ia desligar.”

E muito comum na comunidade Monte Alegre um mesmo morador frequentar a igreja católica, evangélica e o terecô, onde as pessoas que brincam terecô se consideram católicas, utilizam isso como forma de resistência. A igreja de São Benedito tem uma significação enorme para os moradores que estiverem no período do conflito de terra e atualmente os moradores mais antigos da comunidade tem tentado reverter essa situação do afastamento dos moradores.

Tambor de Crioula

A dança de Punga conhecida popularmente como Tambor de crioula ainda encontra-se ativa na comunidade e é uma das danças mais antigas de Monte Alegre, assim como o terecô e a Igreja de São Benedito, herança dos negros assenzalados. A dança do tambor de crioula é frequentada por diversos moradores e seus tambores utilizados na brincadeira possuem status de sagrado e são guardados dentro da igreja de São Benedito. São muito comuns na comunidade os moradores mais velhos se reunirem para dançar o tambor de punga, tanto nos dias de novena, levantamento do mastro, quanto se tem festa de terecô e em dias de missa.

O tambor de crioula é consagrado como uma dança tradicional da comunidade, símbolo de luta e resistência, traço de identidade por parte dos anciões da comunidade. Maria do Socorro, quebradeira de coco, moradora de Monte Alegre, brincante do tambor de crioula, afirmou que os moradores jovens da comunidade participam da brincadeira devido à movimentação dita por ela como *folia*, e que os jovens não percebem o tambor de punga como sagrado. Eis o que ela diz: “[...] no tempo dos mais velhos tinha respeito, os jovens só querem estar na folia, esse jeito é ruim pra comunidade, o tambor de punga é sagrado, faz parte da nossa história”.

Divino

O festejo em comemoração ao Divino Espírito Santo acontece entre o fim do mês de abril e meados de maio, atualmente a responsável pelo Divino é a moradora Luzia Ferreira da Silva que recebeu de herança de família, a bisavó de Luzia foi a primeira a iniciar a prática, devido a promessas, há 30 anos a família de dona Luzia realiza a compromisso. Dona Luzia atualmente esta com problemas na visão e quase não enxerga e por esse motivo não estar conseguindo levar a tradição como antes.

Quando dona Luzia era boa de saúde ela andava com o Divino não só em Monte Alegre, era muito comum a brincadeira ir para cidades da região como Olho D'água, Bacabal, Pedreiras e Santa Arem.

Não diferente das demais práticas culturais de Monte Alegre o Divino também passa por dificuldades. Dona Luzia possui filhos e netos que morram com ela e fica angustiada, pois possui medo de falecer ou ficar invalida e não ter quem realize a prática que esta em sua alçada. Ela diz: “[...] eu não sei como vai ser quando eu morrer, minhas netas e meus filhos não vão querer continuar, com o tempo vai ficar pior”.

O morador Carlos Silva, lavrador morador de Monte Alegre, relatou como era a festa na comunidade no passado da comunidade, ele afirma:

Eu sempre participava do divino, minha avó era batidora de caixa, antes os moradores trabalhavam em grupo, no dia em que se batia as caixas do Divino todos os moradores deixavam o serviço para ir a devoção ao Divino, ai quando todo mundo se reunia nós cantávamos era chororó era uma comemoração enorme, a gente pegava o santo e vinha da casa de dona Luzia e ia para a igreja passando de casa em casa, passávamos a semana toda em devoção e toda noite tinha reza, dançávamos tambor de crioula, quando o santo ia voltar, todos acompanhávamos o santo tocando as caixas.

Entre Mangaba, Festa Junina, Festa do Boi e atuais Mudanças e Tensões

Há algum tempo certas práticas culturais da comunidade Monte Alegre foram aos poucos deixando de existir, o que tem gerado inquietação em alguns moradores que prezam a identidade e a importância de certas danças para manter esse status. A mangaba, o festejo junino juntamente com a quadrilha e o boi nos dias atuais faz parte somente da memória dos moradores de Monte Alegre. “Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre

fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

A moradora Lindalva Lucindo Parga relata com saudades o período em que os moradores se reuniam para realizar as festas do período junino:

Nos dias de festa junina, nós se juntávamos e criávamos um presépio e colocava a cabeça do boi pra secar, enfeitava o corpo do boi, uma pessoa ficava em baixo pra brincar, a festa durava o mês todo, depois de nove dias que terminava a festa, aí íamos cumprir a promessa e juntava todo mundo, pegava tudo da festa aí soltávamos no rio dentro de uma balsa, todos os anos tinha quadrilha, boi, tambor de crioula, aí os jovens não quiseram mais fazer a quadrilha nem a festa junina.

Percebe-se que Monte Alegre passa por um processo de aculturação. “[...] O conceito de aculturação é útil para o desenvolvimento de reflexões sobre mudanças que podem acontecer em uma sociedade a partir da inclusão de elementos externos, ou seja, do contato com outras culturas (SILVA; SILVA, 2006 *aphud* WATCHEL, 1995, p. 15)”.

Com os avanços e inserção de tecnologias e o aumento das redes de contato entre os jovens de Monte Alegre e os jovens das cidades da região tem se mostrado com um forte atenuante para as mudanças de âmbito geracional. Atualmente os jovens não se preocupam com a continuidade das práticas culturais enquadradas como tradicionais pelos mais velhos da comunidade, eles buscam traçar seus novos caminhos criando as suas próprias práticas culturais, o que por sua vez gera um embate entre os conceitos dos moradores mais velhos que tentam permanecer com determinadas práticas como de identidade do local.

Os jovens aos 15 anos de idade saem de Monte Alegre em busca de um trabalho ou uma nova vida. A maior taxa de evasão é dada por homens, e os poucos que ficam se juntam com os jovens e tentam dar continuidade e existência de Monte Alegre. Os jovens que ficam na comunidade possuem seus espaços culturais (indiretamente) e não abrem mão de praticar, mesmo que às vezes entre em choque com os ideais de alguns moradores. Os jovens de Monte Alegre configuram o Futebol, Regue e a Seresta³ como seus próprios espaços. Assim, é perceptível a transição de certas práticas e mudanças que acaba por gerar conflitos. “Práticas culturais redefinem-se diariamente na dinâmica do cotidiano, nas

³ Forró em ritmo frenético que se dança colado.



experiências de integração, conflitos e contradição ocorridas entre elas na organização social e em seus contatos com culturas externa” (Junior; et. al. 2011, p. 21).

Considerações Finais

Em Monte Alegre os moradores mais velhos criaram um enquadramento do que seria cultura, a exemplo, o Tambor de Crioula, Mangaba, Terecô, Festejo Junino, Divino e a Igreja de São Benedito. Tais praticas são formas de luta e resistência, e forma de reafirmar uma identidade. Com as atuais mudanças geracionais os moradores mais velhos sentem a necessidade de salvar a história e cultura do grupo.

Há Igreja Católica e Evangélica, bem como os Terreiros de Terecô, e não é incomum que um mesmo sujeito, embora se identificando como católico ou evangélico frequente todos esses espaços religiosos. Há terreiros ativos, extintos e sem funcionamento na comunidade. No caso dos terreiros extintos ou sem funcionamento está diretamente ligada ao fato de que os antigos pais de santo não têm tido seus trabalhos continuados pelos seus familiares ou adeptos. Os jovens têm criado seus próprios espaços culturais, como o reggae, as serestas e o futebol, o que não é bem visto pelos anciões de Monte Alegre.

Os moradores referem-se ao desaparecimento de diversas organizações festivas, como a mangaba, o boi, a quadrilha e temem que o mesmo suceda com o terecô. De outro lado, para agentes externos ou que frequentam a comunidade esporadicamente, como padres, Monte Alegre seria uma terra onde o cristianismo não se desenvolveria devido à presença das práticas culturais afro-brasileiras.

Assim, o fato é que as relações que se estabelecem no campo religioso em Monte Alegre constituem um campo privilegiado para se analisar as concepções e dinâmicas sociais mais amplas dessa localidade.

Referencias

BARBOSA, Viviane de Oliveira. No tempo do fogo: histórias e memórias de trabalhadores rurais maranhenses. XI Encontro Nacional de História Oral. 2012.

GOMES, Flavio dos Santos. Roceiros, mocambeiros e as fronteiras da emancipação no Maranhão. In.: GOMES, Olivia Maria; GOMES, Flávio dos Santos (Ogs.). Quase-cidadão. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 147-170.



JUNIOR, Antonio et al. Antropologia uma reflexão sobre o homem. Bauru: Edusc, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, 1981.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silencio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

_____. Memória e Identidade social. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, p. 200-212.

SILVA, K.V; SILVA, M.H (Orgs.). Dicionário de conceitos Históricos. 2. ed. São Paulo, 2006.

THOMPSON, E.P. A venda de esposas. In.: _____. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Instituto de Psicologia/USP, 1993, p.285-298.